

THEATRO DO RIO

Collecção de monologos, esquetes, e outros comicos e poetas

TIM TIM POR TIM TIM

Revista de Souza Bastos PARTE CANTANTE (Continuação)

N. 34 CANÇÃO DOS AÇORES

Se o burro te pega a sorte, Por estúpido te apanas! Pade a Duda do céu que em terra, Só assim te largaras!

N. 35 CANTIGA DA MADREIRA

Minha viuvinha Da banda d'além, Quero me casar Não tenho com quem!

N. 36 MODINHA DE EXTREMADURA

Vae de redã em redã, Vae de fibr em fibr, Vae de brago d'ado Mais seu amor!

N. 37 CANÇÃO DO ALVARIZ

Te Annica, meu Annica, Tu Annica da Fuzeta! Mais o que farias ella A barra da sua preta?

N. 38 CANTIGA DO ALENTEJO

Meu amor me disse bontoso Que me havia de ver hoje; Elle por ora não tarda, Porque vem de muito longe!

N. 39 MODINHA DA BEIRA-BATTA

Aqui se canta, aqui se balla, Aqui se joga a beatinha! Eu conheço o meu amor Pelo nó da gravatinha!

N. 40 MODINHA DE TRAZ-OS-MONTES

Agua leva as regatinhas, Meu bem! Agua leva o regador! Eu quanto te rego, não togo, Laré!

N. 41 CANTIGA DO BIEIRO

Al, a moda da Capuzquinha, E' uma moda assim no ludo! Quando ponho o joelho em terra, Fica tudo admirado!

N. 42 MODINHA DA BEIRA-ALTA

Al, Philomena! Se eu fora como tu, Despu' o mactado! E' d'atra o tomador! Querida Philomena, Se eu fora como tu!

Al, Philomena Al, sim, al sempre!

N. 43 CANÇÃO DO MINHO

Se domingo fôr o mado, Requillado, requillado, fôr, fôr! Fica em parte que eu te veja, O fôr, te te! O fôr, te te!

N. 44 MODINHA AFRICANA

Nova gente já está livre, Só tralala se quize, Sim sim!

N. 45 CANÇÃO FINAL

Hoira a minha noção! Escudo Portugal honrado! Ah! sando com offender Nosso penho bostado!

FIN

DOIS PRIMINHOS!

Em uma grande chaceira situada em um dos nossos arrabaldes, tinham por costume, brincar e correr dois priminhos: Juquinha e Zizinha, esta de 15 e aquelle de 18 annos, os quaes eram sempre acompanhados por D. Rozza, mãe de Zizinha, que recommendava não fossem para longe.

Uma tarde brincavam e corriam gritando os dois priminhos, como era de costume, enquanto D. Rozza se entretinha a ler o seu livro.

De repente se fez um profundo silencio e algum tempo assim se passou sem que se ouvisse qualquer rumor feito pelos dois.

D. Rozza, dando por aquelle silencio, levantou-se afflicta, gritando:

— Zizinha!... Zizinha!... onde está!

— Estamos aqui, mamãe!...

— Aqui, onde?...

— Em baixo da mangueira!...

— Fazendo o que?...

— Jogando a pedrinha se.

Nada, não se lembra, eu cabi, o primo que tambem in correndo cahiu por cima de mim e...

— Por cima de você?...

— Depois elle se levantou... e eu tambem!

— E elle te machucou, minha filha?...

— Um bocequinho só, mamãe!...

— E está doendo?...

— Doem, na occasião... mas já passou...

— Olha, minha filha, toma cuidado com essas brincadeiras!...

— Fiquo descausada, mamãe, o primo disse quequendo cahir por cima de mim, não me machucou mais... foi por ser a primeira vez?...

DR. BOLINA.

AOS LEITORES

Temos notado com prazer a crescente procura do Rio Novo tres ou quatro minutos para elle, e que subscritores nos davam...

O tal successo que eu não fizendo o romance de Dick, publicado em folhetim double e nos nossos dias, com o titulo de A Tragédia da sua separação...

De certo que nos obligeamos a suppletar de mais dois, um exemplar a tiragem costumeira do nosso jornal.

Só nos ficou dizer que já continhamos com o augmento da tiragem quanto fôr o que o leitor o seu romance em manuscripto.

Antiguos por esse tempo pela necessidade em não a deixar, já tivemos o encargo de a imprimir na Epoca de sua separação.

O novo romance que se chama O Bolo, segundo nos disse o autor, está em manuscrito.

Em vista do bazarinho que tem feito A Tragédia de sua separação que o autor já descobriu o illustre e brilhante claraboya, que aqui modestamente se esconde sob o pseudonymo de Dick.

SCENAS DE ALCOVA

COMEDIA EM UM FOLEGO

EPOCHA: HOJE EM DIA

A ACÇÃO PASSA-SE NA CAMA

JUCA. — Rapaz! Ingoeno creado na casa e que se não se ha duas lavas.

NANA. — Noiva de Juca A Mãe. — (do Juca, note bem) Perseguiu que fôr fora de scena dando... explicações fúteis.

NANA. — Al! Juca tira fôr esta trapalhada que eu tenho na cabeça.

JUCA. — Não sei pra que diabos me quize esse d'isso por cima da cabeça.

NANA. — Ué, seu Juca, isso é o emblem da virgindade original.

JUCA. — Veja só que coquiceza. Para uma mulher ser virge não é preciso annos por esse mundo de Deus!

NANA. — Oh! Juca deixa a conversa para logo. Tira fôr o paletot.

JUCA. — Ué! tu que fôr em trapas mais meço na minha vista! Eu, tenho vergonha...

NANA. — Vergonha de que, seu Juca? Você tem cada coisa engraçada...

JUCA. — Que pouca vergonha... NANA. — De que?

JUCA. — Uma nuída se despi na vista do home e o home...

NANA. — Se despi na vista da mulher! Ora uma coisa tão alda.

JUCA. — Tu já se despi na vista de argum bicho?

NANA. — Ah! Credo! Abraçadinho Deus me livre... Quem foi que disse!

DR. BOLINA.

JUCA. — Eu... é que eu supponha...

NANA. — Tira os calças.

JUCA. — Isso não. Eu dravo como estou. Se eu sou os home não tirava os calças quanto mais com uma nuída. Sem calças é que eu não dravo.

NANA. — Então desaboton o meu colete.

JUCA. — Deixa d'isso, Nana. Tu só quê convergencia os calças.

NANA. — Você é muito mole (tira a roupa e fica em calças).

JUCA. — Ué, tu não tem vergonha?

NANA. — Vergonha de que! Você não é meu marido?

JUCA. — Isso não é da. Nós somos de sexo differentes...

NANA. — Aude dormir.

JUCA. — Eu estou com medo!

NANA. — (Puxando o pelo paletot) Ah! (Tira o paletot).

JUCA. — Ué! não faz isto! Eu sou muito casamente!

NANA. — Anda.

JUCA. — O que é que tu quê com mim?

NANA. — Um beijinho.

JUCA. — Era o que faltava... Eu dá um beijo em tu... Ué! O povo pôde fallar. Não dou.

NANA. — Não dou.

JUCA. — Eu fôr zangado. Então para que é que a gente casou?

JUCA. — Pra que! Eu não sei.

NANA. — Anda, meu amor. Vem lá dormir.

JUCA. — Que coisa é esse de panno por cima da cama?

NANA. — É pra que é que serve?

JUCA. — É pra os mosquitos não mordem a gente.

JUCA. — Eu nunca vi d'isso...

NANA. — Eu vou me deitar.

JUCA. — Anda cá, Nana. Tu não doita em cima do panno?

NANA. — Oh! todo pois eu vou me deitar em cima do panno? Não, é por baixo.

JUCA. — Por baixo?

NANA. — É então!

JUCA. — É em cima.

NANA. — Não é, Juca, é em baixo.

JUCA. — Por causa das duvidas eu vou perguntar a mamãe. (Chamando Mamãe! Mamãe!)

saque! Ora graças! Meus pobres! Até amanhã e... boa noite.

CAITE O PANNO

CAITANO KIVAN GOMBEAUX.

MODINHAS BRAZILEIRAS

Beber n'uma ergia a fundo, e ter quem pague a despeza, nada ha melhor neste mundo, pra vir fallar com franqueza.

É como ter se a ventura de achar a quem se procura nos sonhos de seus sonhos... É mais a vida: é achar se um meio de embriagar-se de um modo limpo e decente.

Cerveja, vinho e cerveja n'um torcyvelho sem fim... Onde o povo sempre treveja e a coisa vira um chafirim!

Um despejar de mil vezes, nos beijos feitos dos trapos mais arrojados e quentes! Um exaurir de garrafas, com taes pifões, taes monjas, que nos prosteram dormentes.

Assim, em lide farruco, sem que uma noite se parea, a gente vai, de carreira, dar com os costados na cereja!

É como um barco de bolina, que molha as velas, se empina no som da argenteo propelia! Um exaurir de garrafas, com taes pifões, taes monjas, que nos prosteram dormentes.

Beber é viver na cidade, tendo cercas ossas guchas! Ser chulo, encetar-se de nua, vindicada em barretas!

É sonho, doce, illusorio, que essa com voilorio do todo quanto se enasceu! É um dinhar de paredes que jogam como mil pedras o páramo só com a ressaca!

Beber é fechar os olhos e ressonar sem quere! É como ter se uns ant'olhos para impedir nos da vér!

É como... não sei... mas creio que a gente fica tão chulo e vê se forçado a vaza!

É vae cambando, cambando, por entre as rondas passando, bater as portas de casa!

Beber assim como eu bebo é muito para um rapaz!... De mais não é... ora cohe!

Hoja ha quem beba fôrta mais! Mas eu não sei que myaterios nos misterios sidereos nas abindões cosmogonicas, que as illações metaphisicas são fultas bases phosphoricas das facultades canonicas!

Cemiterio do "Rio Nu",

EPITAPHOS

ORRILHO NETTO

Este qui aqui se escondeu E que romances fazia, Tanta coisa allien tea, Que quando o seu escryva A gente emfim não sabia. Quem foi que a colza escryveu.

BOCC.

FOLHETIM

OS ESCANDALOS

DO RIO

(Continuação)

II

FAKEM INVENTIVOS

O velho accorreu a esse grito, por elle aciosamente espigado e com uma agilidade pouco vulgar, achou-se em poucos instantes despo da porta, aberta de par em par pelo formidavel pontapé do perverso reporter.

Parou estupefacto, mudo, em presença da se na que se seus olhos viam! Todos a sua entera cahira por terreno enfiar com aquelle par, mudo, sobre a cama em despo de elle.

O rapazola colriu quasi completamente com o seu corpo e da completa, e o rapazola apenas appareceu, e o rapazola apenas appareceu.

durante alguns segundos, manifestando-se todos na mesma profusão — como suas angustias, quando a varinha mormvillosa da fada protectora immobilisava todo o quinhão.

A moça — e não era fingimento, desmaiava. O Cordeiro, desvarado, sem saber o que fizesse, accionou a carta sobre o largo e navelo travessolo.

Por causa d'isso, mormurou o maldito reporter, vindo ineptisphoricamente da sua gracinha.

Foi o commedador o primeiro a romper a silencio.

— Carlos! chamam-se a voz mal segura, que tentava tornar imperiosa. O rapaz não lhe respondeu.

— Senhor Carlos! repella. O mesmo silencio.

Então o velho adiantou-se, puchonhe para a direita e esquerda e enfiando os braços tremidos entre os dedos procurou levantar o do filho.

— Não! venem este.

potto, o tallo agênte creava os olhos rotundissimos na moça, semi-nua, que jucha a manilha sobre o leito.

— Oh! Si' o Tullo Machado visse fôr! mormurou.

Te fôr, a moça se tratado pelo lapso de um mudo, aquella corpo bruxica da altura do morte, estendido all sobre a cama, entre annas de bapitales, com os braços em cruz e as pernas em aquello agudo.

Nos verticos desse angulo paravam, alongados, os olhos do reporter.

— Não vejo mingo! Não teria sido tempo? perguntava a si mesmo com a curiosidade natural da sua profissão.

Fingindo então que era levado por uma insecta a dar, approximou-se e empunhou ostentada sobre os olhos a moça um largo lençol, agachou-se...

O pequeno voltou-se, como mordido de cobra.

— Não d'aque! Miseravel! bradou elle! Não sei onde estáo que...

— Acumulo, filho! E' da polleia e meu amigo!

— Não, senhor, não sou da polleia! Sou apenas um reporter, no exercicio da sua profissão. E, agora, bons noites!

— Oh!

O reporter deu a moleira no pulcepço que não a acreditou. Proprio?

Essa festa, na Europa, faria a independencia do possuidor do seu segredo.

Dello lido apenas, com a natural traza de nozes, alguns calhamaes para o folhetim do Rio-Nô.

Na Tijuca, a chaceira do capitajista Cordeiro, ficava entregue, phasado e a meza da estacão canônica, ao jardineiro, um gallego farruco, e um Maculoso barrete, homem de toda a coudadão dos patões.

Em admoção o modo de fallar do seu Manteo; foi essa particularidade que trouxe a sua noticia, e respectivamente os seus dias tristes.

— Das grandes viagens, sempre as grandes amizades! Ora que gaita!

— Ah! elle no momento em que eu entrava no aranzetei para pedir informações sobre sua casa a alugar.

(Continúa)

JANTAR INTIMO

A Joanna convidára Para jantar em familia Um sujeito do qual, O José Fulgencio Arara.

Um jantar, um monumento Em materia de cozinha! Um jantarão de escaivado, Porco, peru e galinha.

Sentados á mesa estão, Cada qual mais delicado, Mas o Zé que é comido, Como como um desgraciado!

A Joanna, que trinchára Da galinha o prato todo, Diz com voz de capivara Parecendo ter bom modo:

— Não quer seu Zé, um bocadinho Desta coxa de galinha? Não fique assim acanhado Nesta poltre casa minha.

E o Zé sem ter mais desejo E com tal fome magana, Cabia, de vérs, de queixo Nas coxilhas da Joanna...

JOH OLINA.

PREMIOS DO RIO-NUNO

No nosso penultimo numero foi premiado: no Mote a concursa, R. CAVEIRA que obteve o primeiro lugar; na Nossa adivinha foi FRED SINETA quem primeiro conseguiu acertar todas as questoes. Ambos podem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero duas versoes que devem ser glossadas pelos concorrentes, obtendo, como premio, aquella que melhor collocação tiver, um volume a escolher da Coleção Popular Moderna, editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervalo de um numero, sendo as glossas recebidas até o dia da publicação do numero antecedente.

PARA O MOTTE—

En baixo genia a Rom! Em cima o Juca fangava.

recebem as seguintes glossas:

En vi, em noite formosa, Os dois cahirem no matto; Notel, que— depois do facto, En baixo genia a Rom! Ella a principio, medrosa, Com toda a força gritava, Porque, Juquinha... trapava, Mas, depois, se conclamou, Foi, em seguida... gustando... En cima o Juca... fangava...

RICARDO CAVEIRA.

Sob mangueira frondosa, Vi scena que compungia! Por cima... o Juca lambia... En baixo genia a Rom. Oh! Brincadeira arditosa! A principio, ella... arrastava... Mas, depois... só arrastava... Co' as unhas o dura chão, E, indo de trambolhão... No cima o Juca... fangava...

TIO TORQUEZ.

Tinha graça; era gozosa Quando com Juca brincava; Quando por cima elle estava En baixo genia a Rom. Uma vez, ella nervosa, Quando Juca a seguava, Fez parte que tropeçava... E logo todo acostado, Mesmo já quasi acabado, Eu vim o Juca fangava.

A. DELIA.

Uma quebra, bem christoa En jejy, de desceção! Desses queda anias no chão; Por cima genia a Rom; Oh! que coisa appetitosa! Ella beijos, n'ella stava Cada beijo que estalava Assim nessa posição, Já da có d'um pimentão, Por baixo a Juca fangava...

DR. BOZUDO.

Em remeiozinhos dengosa, Com carinh e de chulo Toda entia e livi En baixo genia a Rom. N'uma agonia horrorosa, N'um praxer que inveja dava Em um gemer que cortava... En vi leitores no matto: A se espejar, qual fanto, Em cima o Juca fangava!

A. A. NATICO.

Deverá muito fogosa Logo após no se deltar, Ponto-se ás taboas contar, En baixo genia a Rom Do quarto do Zé Tolosa, Pois assim se julgava, E que ninguém a espreitava Do modo assim tão vellaco: — Pois vindo a, por um buraco, Em cima o Juca fangava.

LEVIANUS.

Para o proximo numero offere-comos o seguinte motte:

Al meu beu, eu não quero, E' melhor do tudo appeto.

As glossas devem vir em tiras, escriptas de um só lado.

Nó recebemos até terça-feira as 10 e 11 de tarde mottes. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

NOSSA ADIVINHA

Bonus sui qui mal y per se.

CHARADAS NOVISSIMAS

I

As mulheres têm nas suas fractas, soboras—2-1.

R. LADO.

II

Este rapaz o esta mulher nós comemos—2-2.

CHA-RUTO.

III

Este homem é religioso na igreja—1-2.

A. A. NATICO.

IV

Todos têm a medida para pos-seio—1-3.

MYOSOTIS.

V

E' util o membro no peixe—1-1.

K. C. T.

VI

Nas pernas tenho pena porque uso—2-1.

O. D.

VII

E' profundo nas calças este homem—1-1.

MYOSOTIS.

VIII

A parenta na boeira tem uma avá—2-2.

CRÁ VERDE.

IX

Ruborisa-se esta mulher por ser pedra—2-2.

DONDOLAS.

X

Exerguei a mulher no homem—1-2.

DONDOLAS.

CHARADA A VAPOR

XI

A's direitas, charadista Em qualquer avo verás A's avessas, procurando Nas mesmas encontradas.

FRED K. OLHO.

XII

(do Chileiro)

A's direitas, meu collega, Um artozo encontradas! Ao contrario uma mulher Com certeza toparias.

FRED D. ZEL.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

XIII

O que é? O que é? Qual é a mulher que é ave?

CHAMINÉ.

XIV

Qual é a mulher que é herva?

UIBAJARA.

VERSO A CONCLUIR

XV

Perguntada a Marieta Porque é que estava tão triste, Responder com modo idiota A que um velho ido resistie:

— En ando triste, n'um bem, Mettida n'este borrarão, Porque todo o mundo tem E' en não teido...

FRED CERO.

Nó recebemos as decifrações de duas cartas até terça-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervalo de um numero, re-cebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, um volume, a escolha, da Coleção Moderna, bibliotheca editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

Accetamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só do um lado.

Os pontos, n'este torneio, são contados, um, por questão decifrada, ou por trabalho publicado.

Servem taes pontos para a distribuição dos premios, que faremos aos ellez primeiros collaboradores o decifradores, no fim da mez corrente.

Decifrações e decifradores do n. 68.

Propuzemos 14 questões, cujas decifrações eram:

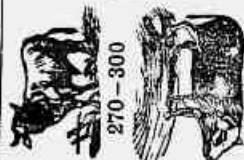
Corveca, Amalia, Casamentos, Sarrabada, Maravanti, Somprio, Magaroca, Bicolada, Julia Julia, Cando Cunha, Aravava-estafas, Manoel de Abreu e Pa.

Deciframos:

Fred Sineta 15, Frei Pinha 13, Diphloca 13, Perini 13, Chamimé 15, Cha Misco 13, Chalera 15, Cha Paulo 15, Cha Verde 15, Frei K. Paulo 13, Cupido 11, Az de Copus 14, Myosotis 14, Macambira 15, Frei Gó 14, Lambé e Secca 15, Dr. Brecha 10, Parasita 13, Lincoln 13, Devo Junior 14, R. Hi 7, Talvoz 13, Frei K. Olho 8, Frei D. Zel 6, A. A. Natice 9, Dr. P. Netra 11, Valette de Ouros 15, K. C. Poré 15, Bolavias 14, Ceregas & Conichões 15, Dr. Curinga 15, Levianus 7, Cha Peleta 15, Aubaugera 7, D. Vasco 13.

Por alguns dissemos estar errada uma charada publicada em n. 47, cuja decifração era Gababara. Assim como, por outra nosa, foram prejudicados tres decifradores, re-solvemos contar a Chamimé 14 pontos e a Cha Paulo e Chalera, tambem 11, dando a estes o premio a que têm direito.

QUEBRA-CABEÇAS



A' noite vivo acordado Procurando minha capa, De dia vivo deitado Como se fóra um cachaga.

FOLHETIM

A VINGANÇA

DE

UM SAPATEIRO

Romance realista

por

ROCK

PRIMEIRA PARTE

O MINISTRO

I

(Continuação)

— O' homem! Nem fale n'isso! Todo esse pessoal memorito vai tirar o ventro da minha. Você bem se podia chamar Mané Canabeco? E' ir, tuoi amigo, e ir— e quando vir o figura na janella é só reparar se em casa ha o que você leva. Se os olinhos estiverem tristes e fundos, e o semblante pallido e ansia como uma pessa que

não comeu bem á noite passada, não tem que saber: — veja se tem algum novo proximo e foga o mesmo que fez all no meu matto ainda agora.

— E se elle não vir, disse trindamente o possuidor da prenda, se ella não vir como ha de ser?

— Bem se vê que você não conheço as mulheres, disse Juca do Cunha. Você é um menino. E a curiosidade, São Manuzinho, é a curiosidade e não a fé? Você já conhece alguma mulher que não fosse curiosa? Isso é gegeru que não existe. A curiosidade da mulher mancha curiosa é maior da que a sua— do que essa resignação que você tem.

— Eu bem sei que ellas são curiosas, disse Manuzinho, em casa e no; mas não recolo que pelo facto de estar em de costas não evinça ser vida a minha boavontade.

— Qual, menino! Você não tem pratica da vida!

— E João do Cunha, não da sua pilheria, andando graças na pattee de outro. E como um homem que tem uma pratica extraordinaria de aventuras e de millores, o sapateiro chamou a si um importante e affretado, declarando do alto da sua sabedoria um conto, a gesticulando desentadamente, com um rosto de sapato na mão e o tripe pousado a tiracolo no bumbom.

— Você não passa de um luxepreito, meu caro. A vida, essa vida curta e leve que não levamos a rir e a bater sola, essa vida tem aventuras galantes.

Eu já passei por ali, meu amigo, old se passou! E fui um damnado! Na sua blade eu fui um D. Joca terrivel, um farrado levado de todos os diabos!

Nunca mulher nenhuma abriu para mim duas vezes do certo, modo que o marido não comprasse um chapéo um boudinho maior. Eu deixei fama, meu amigo, deixei fama e ainda hoje, se não fossem umas certas conveniências, não lhe digo nada. Ah! que pena de ter o que você tem. Manuzinho; outro gallo cantaria. E se não sabe de entuillismo João do Cunha conchala o seu dilecto, licitando o outro para que fosse e se não fosse de mole, e que fosse, diz, que fosse a não fosse de mole. Old se haviam de ver! Alánda bem não trassei toda a minha condicção ostaria a fazer o diabo?

— Ah! elle sabia muito bem o que isso era, constituitava o João, old! sabidobem.

Uma vez enquo elle estava dançando e zangando um boudinho no meio da calça, ah! nem o outro sabia o que fari? perguntava elle; sabia? não sabia... Pois que fosse sabendo: — Em simplicidade aquella delicia: — A tal que era o seu par, por signa que era bem bonito e muito bem constituitado por signa, riza e formoso, ao sentir a valsa, sabia e que fizesse, sabia? Manuzinho clamava, curvo? manuzinho clamava, isto por uma pergunta atia.

Quando mais, conchala elle, quanto mais, se uma estrutura pozete os olhos

em cima da felicidade do Manuzinho. Era aquella certeza que fosse, homem, com receitas millores de diabos! E fizesse a coisa com gosto, não facilitasse nem fosse agora mostrar aquillo a garotas e rapazes, tomasse as suas calçallas, mas que fosse!

— E João do Cunha foi beber o seu eneco d'agua, porque tinha a bocca escuriturada e secca. Nunca falava tanto na sua vida.

Manuzinho estava encantado. Como aquelle homem o contava bem pela estrada deitada do amor! Como elle ia ser feliz. Aquelle sapateiro era a sua providencia. Era graças a elle que ia cair d'ahi a pouco nos braços das mulheres mais adoras e bem feitas. — Manuzinho—o Manuzinho, que nunca tivera um carinho de mulher nenhuma, sem dinheiro e sem roupa, muitas vezes sem comer, andando a mendigar, como um cão sem dono, miseravelmente... E era elle! E eraquelle homem daquem elle pedra saniosa, aquelle humilde officio de sapatos que via a vida arrancar assim em braços negros da vidreza para atrá-lo-generosamente nos braços brancos e torcidos das mulheres elegantes. Ah! que Deus progesse os sapateiros em geral, que fizesse os progesso e permittesse, que elle Manuzinho, poder um dia pagar aquelle homem, aquelle alma desluzada e tumbre, todo o bem que elle fizera, todo o grande bem que ainda elle podia vir a fazer.

E n'uma prova intimo, o ex-homem, digo Inyocel a Bete dos sapateiros. Que a felicidade realisa sobre elle? Sobre elle e sobre os seus respectivos negocios.

II

A COINCIDENCIA

Quatro horas á meia da tarde. Quatro horas e meia e um larão Indio-indio.

— Ool, descendo vertiginosamente em busca do poente, parecia um choro a cambalar em volta de casa. Bunko ouso!

Novas ebr de casa e avermelhadas agrupavam-se em torno do astro, prova a morrer, assim como um stu de lebedeiros se pó de um parente rico e sem filhos. Havia pelo ceto uns dozeiros, quind que cobia que parecê chieira a chamusca. E era, na rua deserta, uma brisa humilde officio de sapatos que via a vida arrancar assim em braços negros da vidreza para atrá-lo-generosamente nos braços brancos e torcidos das mulheres elegantes. Ah! que Deus progesse os sapateiros em geral, que fizesse os progesso e permittesse, que elle Manuzinho, poder um dia pagar aquelle homem, aquelle alma desluzada e tumbre, todo o bem que elle fizera, todo o grande bem que ainda elle podia vir a fazer.

(Continúa)

PORTARIA

DE CORINGA — Não se julga. Aquillo não passa de palhinha.
 Z. NOME P. LADINO — A sua glória seria boa se tivesse sentido.
 D. M.ª FAYO — A sua glória não serve.
 O PROFESSOR D'ASCHE COMEA — Os motes são glosados em decimas e rito em sextilhas.

ANNUNCIOS

CIARUTARIA CASTELLOES

Unica que recebe cigarros S. Luiz do Parahytinga; Barbacona (Vallo); Espirito-Santo do Pinhal; Bependy; Bitio; Borboleta.

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATAYA

GUIMARÃES & C.

71 Largo do Rosario 71

S. PAULO

PRESERVATIVO

DA

Gonorrhéa e da Syphilis

Usa-se a *Lagotis* do Dr. Edmarzo França, confere a mesma a folhetto que acompanha o vidro, e exaltação e curatiga d'estas molestias.
 Vende-se em todas as pharmacies e drogarias.

DEPOSITARIOS

ARAJO FREITAS & C.

114—Rua dos Ourives—114

Canta da S. Pedro

TROVADOR MODERNO

MODINHAS BRAZILEIRAS

CONTENDO

Assembra colleção de modernissimas modinhas brasileiras, apanhadas directamente do vulgo e que não se encontram publicadas em nenhum outro trabalho.

PREÇO 1\$000 RÊIS

A' venda no escriptorio desta folha

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2\$500, em carta registrada com valor declarado, dirigidas à gerencia desta folha.

TROVADOR DE ESQUINA

OU

REPERTORIO DO CAPADOCIO

CONTENDO

Canções populares, Fandangos, Sambas, Fadinhas, e Desafios, Cantigas, que prendem as raparigas, Cantatas que delectam as mulatas, Modinhas que chocam as crioulinhas

COLLECCIONADO POR

João de Souza Cunegudes

PREÇO 2\$000

A' venda no escriptorio desta folha. Pelo correio mais 500 réis

Um livro admiravel, elegante e precioso!!!

ACABA DE SAHIB A LUZ E JA SE ACHA A VENDA O

CANCIONEIRO POPULAR

DE MODINHAS BRAZILEIRAS

Unica e exclusivamente composto das mais formosas e conhecidas modinhas brasileiras

Piquete, porém adverte que não se trata de um livro vulgar, feito a pressa, em que se fossem reunidos a esmo cantos, repletivos e melindres, por qualquer pessoa, copilando-se estupidamente, como se costumava fazer.
 O Cancioneiro Popular é um volume solememente organizado pelo Sr. CATULLO DA PAIXÃO CARRÉSSE, distinto musico, conhecido poeta e professor, excellent professor de linguas, nome que toda gente conhece e tem applaudido.

O autor reuniu particularmente as mais bellas poesias populares, que se prestam para o canto (MOENHAS), e emendas de modo que sempre necessitas palmaria e musica; todavia em cada uma a musica com que deve ser cantada. Devo tudo, a livros formosos admiravel e precioso

Es o indice:

A primavera é uma estação florida; Tenho saudades de Maria; Ao voltar; Minha vida em um lago transparente; Qual boa doide a natureza se lhe offerecer lanama; Minha alma soza, oingno the responde; Vem cá, risoula marinha; Entre o portão dos flores; Nos horas que posso costigo no muelle; Se foi crime te amar com honra; Linda lacerada; A brisa, vento de marão; Borboleta, meu amor, rainha; Inseto onde vós; Tanto amor, para, acata e sublima; Obstante, canço do africano; Penha, Senhor meu Deus, minha alma sente se não me amas, o mullher; porque me prendes? o poeta e a folgia, modinha muito conhecida com o titulo—Doyez, contendo os alta versos (e não seis contos por all) mulla doia orphica; Não se dá amor em amor, não te; A terra trazo a' pallida Madama dos novos senhores; Ao vir do espum, eu vi em Lisboa; As ondas são arjos que dormem no mar; Os olhos azuis; Similit contiga, dozeolla; To me perguntas a historia daquelle frate machado; Oh! mulher não sorris, que eu choro; Que valera flores; Vem ver, Eliza, como surge a lua; Tua nome; Eu amo a patria, que em teu rosto brilha; Talvez um dia que eu por ti sou honra; O pulgida, se eu te pedisse, de modo que ninguém visse; Sempre te amando, desprezavel a outra; Na hora que posso sentigo na noite; Horas sovras desta quadra bella; Meiga filha de Deus, dona d' autora; Ventoladora de amores; Que lindos matizes na sua de neve; Minha alma soza, ninguém he responde; O anjo lacerado; Poesias de linda com osse arjo; Vozes, Encanto, fugido; Eu se te peço que te lembres, bella; Tu para se Louisa do melle, auctora do mulla terra; Es, Marília, do bella e formosa; Meus amores brasileiros; Sobre o mar de eterno amor; O ben-te-ve; O vagabundo; A vrosula furista; Gosta de ti porque gosta; Um caso em vos conto que, se bem me lembra, posses na doleção, no mez de novembro; Se mulla te adoro; A vrosula; O pulgida; Eu bilota decidida; O vrosuente de noves fadas; outra, jurlingdo do autor; A autora assoma a a terra dona—outra, mullingdo do autor; A terra na anglo baliza; Minha essua e mulla orphica; São luga de marage prante; Na hora em que se colhe; que sorte, que sim e que é o meu fado; Ursula, no rós a tu desamado; O P. rós; A terra que os mulla abro mulla; Linda flor, como os mullas; Por que vós que tem o mulla do Sr. Billary; Eu vico sorrindo, quando na valsa; Não se tu quem em amo, não se; e vrosulas de outras modinhas, cada qual muito linda, egua a esta ou talvez mesmo melhores.

Um grosso volume com mais de 200 paginas, com riquissima capa 2\$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2\$500, em carta registrada, com valor declarado, dirigida

a esta redacção

CONTOS PARA VELHOS

BOB

Um elegante volume com capa illustrada a duas cores
2\$000
Romances a 1\$000

PAULO DE KOCK
 Gustavo, o Estroina, A Dama dos Tres Espartilhos, A Menina das Tres Saias, A' Procura de Noiva, A Vereda das ameixas, Os Sete Bagos de Uva, A Familia Pavilhão

ANSELMO RIBAS
 A SEARA DE RUTH
 PAUL FÉVAL
 A CREOULA
 JULIO MARY
 Paixão e Odio
 H. P. ESCRICH

VISINHA DO POETA e MAGDALENA
 ALEXANDRE DUMAS
 VINGANÇA CORSA
 TEIXEIRA E SOUZA

Maria, a menina roubada
 XAVIER DE MONTEPIN
MARTYRIO E CYNISMO

A' VENDA NO ESCRIPTORIO D'ESTA FOLHA

LOTERIA DA CARIDADE

Quinta-feira 9 do corrente

POR \$800 **20:000\$000** POR \$800

Esta loteria, fiscalizada pelo Exm. Sr. Dr. fiscal da União e pelo do Estado, tem garantia dos premios pelo Estado, nos termos do decreto federal n. 2.418, de 26 de dezembro de 1896, e mais a caução do Thesouro Federal de 40.000\$ em apolices. P' extracções serão feitas na agencia geral, a rua de S. José n. 113, ás 4 1/2 horas da tarde.—
A. CAMPOS & C.

AO publico.—As machinas podem ser examinadas antes e depois das extracções.

o agente em Niteroi, GUILHERME M. P. VASCONCELLOS.

CANÇONETAS A 200 rs.

A Missa Campal — Do Mesmo Lado — A rir... A rir — Assim... Assim — O Pão Fresco — As Mihas Collegas — O Meu Amigo Banana — Os Phosphoros — Brincadeiras — Si Eu Fosse Rapaz — Nem Eu Nem Ella — Os Suspiros — Ora Toma, Mariquinhas — O Calado é Melhor — A Banana — Descarrilar — Do Outro Lado — Enganos — A Minha Familia — O Chefe d'Orchestra — A Gargalhada.

A' venda no Escriptorio desta folha

PIANOS DE PLEYEL

Bord, H. Herz, Kuhse, Gaveau, Schiedmayer, Rosenkranz e outros auctores
VENDEM-SE POR PREÇOS MODICOS

Antigo Estabelecimento de Pianos e Musicas

Manoel Antonio Guimarães

SUCCESSOR DE BUSCHMANN, GUIMARÃES & IRMÃO
 Unico importador dos verdadeiros pianos de Julius Bluthner

50, Rua dos Ourives 52.

VENIDAS GARANTIDAS